

Empresários acham natural

por José Casado
de São Paulo

Líderes empresariais e funcionários do governo envolvidos, direta e indiretamente, com as negociações da dívida externa brasileira, estão considerando de pouca importância aos percalços encontrados pelo presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, na rodada de gestões com os banqueiros norte-americanos, encerrada ontem, de forma abrupta, em Nova York.

A suspensão das negociações até o dia 28 de janeiro — conforme anunciou o ministro Ernane Galvêas — foi vista com “muita naturalidade” pelo presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Roberto Konder Bornhausen.

PACOTE AMPLO

E não se deve entender de outra for-

ma, acrescenta José Augusto Savasini, assessor do ministro Antônio Delfim Netto, “pois isso é absolutamente normal numa negociação dessa natureza”. Trata-se de um “pacote” muito amplo de débitos, com uma proposta de reescalonamento de longo prazo “e os detalhes técnicos, nesse caso, têm de ser discutidos à exaustão por um tempo superior ao do que se viu em acordos anteriores”, acrescenta Akihiro Ikeda, chefe da assessoria econômica da Seplan.

Os dois lados não têm alternativas, exceto a de chegar a um acordo, lembrou Pedro Conde, presidente do conglomerado financeiro BCN, em conversa com a repórter Wanda Jorge. “É uma questão de dias, para se acertar 0,5% a mais ou a menos (no ‘spread’)”, completou José Flávio Pécora, secretário geral da Seplan.